

Literatura – aplicação do *eixo de perspectiva metafísica cosmo-existencial*
Composição em construção – pré-publicação.
Reproduzir com permissão. Citar como:
Barbier, R. A.; DO DIFUSO E DO FOCADO, DO SOL E DO FAROL;
2012: artigo internet – www.essencialismo.org.br

DO DIFUSO E DO FOCADO, DO SOL E DO FAROL

Régis Alain Barbier, aldeia, 10 de out. de 2012



O místico entende-se como uma produção da natureza; uma realização cósmica, como o leito de um rio, o recorte de uma costa rochosa, um estalagmite - essas colunas de calcário que se erigem no solo de uma gruta em função do longo gotejamentos das águas, das reações químicas entre os elementos contidos nos minerais, na água, no ar; do efeito da temperatura dos ambientes e das forças essenciais - como a gravidade, o magnetismo, as reações atômicas e moleculares. Advinha-se a sagacidade dos anciãos evocando os elementos como terra, água, ar e fogo. É fácil imaginar cada pingo d'água como uma molécula primordial; um conjunto de gotas formando uma célula; as formações esculturais da rocha, órgãos: a realização dessa totalidade, um estado-de-ser que evolui e se eleva até tocar o teto formando um pilar estalagmítico – um místico estatelado e espantado tocando o céu com a consciência própria.

O místico compreende não ser diverso da natureza que o contém, que a natureza se expande em formações sempre mais amplas, num contínuo universal homogêneo: ele sabe. Ele conhece porque experimentou, ao longo da sua história, que a evolução progressiva da consciência, de

celular a orgânica, pertence a esse sistema como o perfume e a beleza das flores integram e coroam o âmbito e a complexidade das relações. Tudo é um que se dissolve em fronteiras infinitas em todos os azimutes. *Om shanti, shanti, shanti om.*

O distraído, diversamente, por carência de perspectivas profundas, não enxerga como um sol, na envergadura da totalidade dos raios, mas entrevê as coisas em frestas estreitas de consciência e visão: não conecta, não integra, e passa a ver como flashes de instantâneos. Ele vê aqui uma pedra, lá um coelho, em cima um sabiá e além, um céu radicalmente diverso do plano horizontal. Ele não reconhece, como as águias, que o azul e branco do mar é azul e branco do céu. Ingênuo, ele passeia no mundo, no mar e no céu, como se fosse um farol isolado numa pedra rochosa: olha isso, vê aquilo! Devem ter universos muito estranhos e diversos de mim além desses negrimes distantes! Ele não se compreende, tampouco se reconhece como um místico.

Farol acusa Esclarecido de ‘antropocêntrico’! Rindo, o místico responde que seria mas acertado acusá-lo de abóbada antropocircunferencial! Que de fato ele, Farol, é o ‘antropocêntrico’ que gira focando em torno de si para ver pouco, fala com as próprias visões como se fosse alienígenas, confundindo coisas com representações, achando-se caído de outro astral, ou assentado nos arquibancos da arena universal, como um prefeito em seu gabinete! – “Pois se sou focado e rochoso, tu és difuso, totalmente calcário, meu caro!”. E assim continuam se alfinetando, rindo um do outro.

Tenho denominado essa perspectiva incompleta, focal e dicotômica, de eixo de perspectiva metafísica transcendente-transcendental e a perspectiva unitária e difusa de eixo perspectiva metafísica cosmo-existencial. O primeiro caso reporta aos aprofundamentos filosóficos típicos do kantismo onde o pensador, iniciado nessa postura de ‘ente separado do todo’, conecta a luz da consciência com as coisas se questionando: mas e além da minha luz, existirá uma ‘coisa-em-si’ misteriosa, radicalmente inacessível, outra? Ele responde:

- “Pressuponho que sim, caso contrário tudo estaria no aro da minha consciência, tudo seria ‘maya’, ilusório. Não pode ser, existe, sim, uma coisa-em-si. Aliás, uma suposição cujo fundamento encontra-se corroborado na tradição e na visão comum. O mundo foi criado por um deus que não é do mundo, tão misterioso para nós quanto essa ‘coisa-em-si’ que existe fora do alcance funcional e necessário da percepção. O mundo se descobre, avançando passo a passo, revelando novidades insuspeitadas, descortinando outros espaços, não se trata de construções radicais. A existência não pode ser algo como uma ‘categoria aberta do sujeito’, a natureza e seus princípios não pode servir de base para a formação de uma ética naturalmente

decorrente: a inteligência obriga a reconhecer, imperativamente, a necessidade de obedecer a uma norma criada, pressupondo a necessidade do amor, de acordo com a lei divina e revelada”.

No caso da perspectiva cosmo-existencial, reporta aos entendimentos de diversos poetas e místicos; em filosofia, notadamente, Espinosa, os pré-socráticos e, possivelmente, Sócrates reportado por Platão, quando, em 246 dc, o ateniense afirma:

“O início é algo que não se formou, sendo evidente que tudo o que se forma, forma-se de um princípio. Este princípio de nada proveio, pois que se proviesse de uma outra coisa não seria princípio. Sendo o princípio coisa que não se formou, deve ser também, evidentemente, coisa que não pode ser destruída. (...) Quanto à denominação de imortal, isto é algo que não podemos exprimir de uma maneira racional. Nós conjecturamos, sem disso termos experiência alguma nem a suficiente clareza, que um ser imortal seria a combinação de uma alma e de um corpo que se unem para toda a eternidade”.

Na perspectiva cosmo-existencial não há dicotomia rigorosa entre o que é do âmbito da consciência e do mundo: estabelecessem-se relações fenomênicas, como atributos unidos, chave e fechadura. A consciência é necessariamente de alguém, e algo, para se apresentar no plano existencial, aflora na consciência de uma forma ou de outra. O posicionamento é fronteiro: a totalidade dos existentes fronteiram relações complexas e determinantes na realização do processo criativo. Imagina-se uma membrana molecular formando-se em algum meio, eventualmente, dobrando sobre si, criando um espaço interior: não faz pleno sentido postular uma ‘radical distinção entre o lado de fora e o de dentro’, não há dois espaços do ponto de vista original, ontológico: trata-se de uma unidade recondicionada pela forma configurada. A estrutura membranosa evocada estabelece distinções, relações e destinos, tanto quanto os demais seres criados, sem por isso originar lugares estranhos, radicalmente diversos: os dois lados não configuram entidades opostas e divergentes, a não ser nas interpretações e normas de modelos e narrativas. O justo entendimento desconstrói questionamentos relativos ao solipsismo e à ideia do mundo ilusória, *maya*, como se referissem a realidades absolutas, ontológicas; são apenas modelos ou modos de compreender, sendo o modo cosmo-existencial mais extenso, sóbrio e profundo - no momento, integrando melhor o que se sabe, logo mais verdadeiro. Nessa postura, o pensador entende-se integrado a tudo quanto existe e possa vir-a-ser, estabelecendo relações, descortinando aspectos do fluxo desse fenômeno radical.

Trata-se de um fundamento metafísico corroborado na tradição e visão panteísta, onde o cosmos entende-se como fenômeno autopoiético. O ‘deus criador’ é o próprio Cosmos,

incluindo todos os seres em enlaces misteriosos, universo cujo potencial em nada desmerece os valores atribuídos ao deus sobrenatural dos teístas salvacionistas que consideram a vida uma purgação, um introito para um mundo incriado de ‘energia pura’, sem matéria alguma. A visão panteísta, apesar da modernidade do termo, reporta-se a muitas formas antigas de reverenciar a natureza. O mundo se descobre como o infante descobre os próprios potenciais, o bebê o corpo, o homem sábio entende a terra como uma mãe e o sol como um pai. A mim parece que a existência é categoria aberta do sujeito que sempre existira, de uma forma ou de outra. Para bem se dirigir e orientar nas coisas da vida, entender que somos uno dispensa a necessidade imperativa de normas elaboradas em escrituras: a verdade grita no presente, na imaginação e historicidade que transmuta sem deixar de se afirmar, até mesmo quando observo um céu de estrelas que brilham num passado presente, lembrando imagens e ideias cujo surgimento não sei locar no tempo – memória ancestral.

RB/